

## CONTAGEM DOS VELHOS (TEMPOS)

Adebal de Andrade Júnior

Casa da Cultura “Nair Mendes Moreira” – Museu Histórico de Contagem

Pós-Graduado - Especialista em História e Cultura Mineira (FCHPL)

[adebal@ig.com.br](mailto:adebal@ig.com.br)

Este trabalho pretende apresentar os resultados obtidos com o projeto “Contagem dos Velhos (Tempos)” de registro do depoimento dos antigos moradores da cidade de Contagem/MG e formação de um acervo de História Oral para o Museu Histórico de Contagem.

O projeto foi pensado no sentido de valorizar o conhecimento, a memória dos velhos na sua relação com a cidade e, assim, descobrir “a Contagem”, cenário da vida de inúmeras pessoas que não tiveram voz na história oficial.

Inicialmente foi apresentado o projeto aos participantes e logo após era exibido um filme sobre a história de Contagem, objetivando estimular a memória dos entrevistados. As entrevistas eram realizadas em grupos e permitiam que os participantes se lembrassem a partir da história do outro e descobriam, juntos, a existência de uma memória comum, ou seja, coletiva.

A memória dos moradores de Contagem está repleta de lembranças dos referenciais materiais destruídos pelo processo de industrialização, talvez o principal elemento da identidade da cidade, conhecimentos e tradições que vão se perdendo no tempo.

**Palavras-chave:** Memória, registro e Contagem.

## CONTAGEM DOS VELHOS (TEMPOS)

Adebal de Andrade Júnior

Casa da Cultura “Nair Mendes Moreira” – Museu Histórico de Contagem

adebal@ig.com.br

*“Hoje o tempo voa, amor, escorre pelas mãos”.*

*Lulu Santos*

### Memória, Tempo e Espaço

Ouvimos com frequência as pessoas afirmando que o tempo está passando muito rápido. Sempre encontramos alguém que não tem tempo para a família, para os amigos ou mesmo para realizar todas as atividades do trabalho. Será que os dias estão durando menos de 24 horas? Será que a Terra está girando mais rápido? Provavelmente, nada disso está acontecendo. O que vem ocorrendo são mudanças significativas na vida cotidiana, em função das inovações tecnológicas e científicas que fazem acelerar o ritmo da vida e imprimem a sensação de que, hoje, o tempo passa mais rápido. Outro ponto é a consolidação da lógica capitalista que destrói, rapidamente, as referências materiais que imprimem, de certa forma, a sensação da velocidade com que o tempo caminha.

Os idosos, ou velhos, como prefere Rubem Alves (2003), experimentam a sensação de aceleração do tempo com mais intensidade. Os idosos, na perspectiva da lógica capitalista, são deixados de lado. Já deram sua contribuição, quando seus braços eram fortes e sua cabeça ligeira no raciocínio. Agora, passam a ser “invisíveis”, deixando de ser homens e mulheres para se transformarem em um incômodo número na previdência social. Sua memória está repleta de referências materiais que não existem mais. Nas suas cidades, edifícios, praças, hospitais entre outros que formavam lugares da sua memória são destruídos, reconstruídos em uma velocidade absurda. Assim, os velhos se sentem oprimidos na sociedade e sem controle sobre o tempo que escorre entre suas mãos.

Fator relevante na opressão dos velhos é a história oficial norteada pelo olhar dos vencedores. Esta encobre a tradição, a memória, elementos protegidos e guardados pelos que têm mais idade. Coloca a memória daqueles que viveram os acontecimentos em segundo plano, ou seja, não é importante lembrar, uma vez que os registros oficiais produzidos por um grupo específico já remontaram a história como lhes interessava. Quando os vencidos velhos lembram, não sentem suas memórias convergirem para a história oficial, já que são postos à margem e convencidos da sua irrelevância.

Todavia, a despeito de tudo isso, em todo o mundo, podemos perceber a valorização da memória. Para Pierre Nora (2000), são duas razões que proporcionam esse fato. A primeira é a aceleração da história, resultado do processo contínuo e permanente de mudanças que afetam todas as esferas da vida. A segunda refere-se à democratização da história, proveniente da libertação e emancipação dos povos, grupos étnicos e indivíduos no mundo contemporâneo. Buscando afirmar a sua identidade, as minorias desenvolvem várias formas de memória. Certamente, os velhos, guardiões das tradições, passam por um momento de conquistas e ganham espaço no mundo atual.

Nesse sentido, Pierre Nora também aponta o caminho da memória na direção das formas de protesto popular, em sentido contrário ao da história oficial. É o momento de criar espaços para se ouvir a voz das minorias, oprimidas, aquelas que não tinham lugar, nem direito à história como os velhos. É hora de lutar por eles.

### **Contagem Viva Voz**

*“O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”.*

*Ecléa Bosi*

Foi pensando em todos os aspectos que surgiu o projeto de registrar o depoimento dos antigos moradores da cidade de Contagem. O projeto foi organizado no sentido de valorizar o conhecimento, a memória dos velhos na sua relação com a cidade. Procuramos descobrir a Contagem real, cenário da vida de inúmeras pessoas que não tiveram voz na história oficial.

A história da cidade de Contagem tem início, provavelmente, em 1716, com a instalação do “Registro das Abóboras” pela Coroa Portuguesa. O Registro era um dos postos de fiscalização de entrada e saída de mercadorias em Minas Gerais. Foi esse equipamento da Coroa Portuguesa que deu nome ao território. Suas funções de contagem das mercadorias que por ali passava somado ao nome de uma família tradicional do local, os Abóboras, ou devido ao córrego que passava próximo de mesmo nome, segundo a tradição oral, nomeou a cidade que se formava: Contagem das Abóboras. Durante o século XVIII a região se desenvolveu como área de passagem e abastecimento para as minas. Com a decadência do ouro e o fechamento do Registro, Contagem organizou sua economia em torno da pecuária e da agricultura visando o mercado local. Dessa época, é possível encontrar poucas edificações remanescentes. A mais conhecida é a construção que abriga a Casa da Cultura “Nair Mendes Moreira” – Museu Histórico de Contagem, que a tradição oral associa com a casa que abrigou o Registro. A edificação foi sede de uma fazenda que ficava nas proximidades do Posto de Fiscalização da Coroa Portuguesa.

Contagem se emancipou em 1911 e a partir da década de 1940 teve um vertiginoso crescimento urbano e econômico com a implementação da Cidade Industrial “Juventino Dias” nos limites com a capital de Minas, Belo Horizonte. Contagem passou a ser conhecida pelo seu complexo industrial. Essas transformações políticas e econômicas também trouxeram mudanças no cenário da cidade. Vários referenciais simbólicos edificados da história da cidade foram demolidos para dar lugar ao “progresso”. Na década de 1970, Contagem passa por novo surto de industrialização com a criação do Centro Industrial de Contagem – CINCO. Nas décadas seguintes o crescimento industrial permanece com a criação de novos distritos e áreas industriais.

As ações de preservação do Patrimônio Cultural em Contagem tiveram início no final da década de 1980, em parte em função das transformações impostas pelo processo de industrialização iniciado em 1940 que estabeleceu certa dinâmica para a cidade. A lógica do capital proporcionou uma prática que atribuiu pouca importância aos referenciais simbólicos da cultura da cidade. Assim, edificações eram destruídas ou modificadas desconsiderando o seu significado para a população.

Portanto, desenvolver um projeto de formação de um acervo de História Oral em Contagem é de grande relevância. Uma vez que o principal objeto para se pesquisar a sua história é a memória dos seus cidadãos, moradores que vivem e constroem a cidade dia a dia.

A escolha dos entrevistados se deu a partir da elaboração do projeto e da definição dos seus objetivos. Como a pesquisa foi norteada pela intenção de valorizar o conhecimento, a memória dos antigos moradores de Contagem na sua relação com a cidade. Optamos por entrevistar os participantes dos grupos da terceira idade organizados pela Secretaria de Desenvolvimento Social de Contagem. Esses grupos participam a três anos de uma atividade de Educação Patrimonial que os tornam sensíveis para as questões relacionadas à preservação da memória da cidade. A atividade consiste na organização de um festival culinário com pratos preparados com abóbora, um dos elementos mais significativo da história de Contagem. Para realização do festival os grupos da terceira idade pesquisam sobre a cidade, a sua origem e o seu desenvolvimento buscando inspiração para a criação dos pratos.

O número de entrevistados não foi previamente definido. Sempre seguindo critérios qualitativos e não quantitativos buscamos conquistar a confiança dos participantes para que esses, por adesão, contribuíssem com o projeto possibilitando o registro do seu depoimento. Corremos o risco de não obter um número significativo de entrevistados o que poderia colocar em xeque as informações colhidas de apenas um ou dois participantes. Uma vez que “uma única entrevista pode ser extremamente relevante, mas ela só adquire significado completo no momento em que sua análise puder ser articulada com outras fontes igualmente relevantes”. (ALBERTI, 2005, p. 36). Os grupos foram bastante receptivos e vários mostraram o desejo de participar.

O tema da pesquisa é a cidade de Contagem e, portanto, as entrevistas deveriam ser temáticas, mas os objetivos do projeto definiam a importância de valorização do conhecimento e da memória dos entrevistados. Sendo assim, as entrevistas poderiam ser de história de vida do participante, pois essa tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história. Optamos pela entrevista temática, pois a pesquisa definiu o envolvimento e a experiência do depoente com Contagem como o nosso objeto. Mas, mesmo optando pela

entrevista temática não nos distanciamos do método biográfico como afirma Verena Alberti no seu Manual de História Oral: “seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre um indivíduo e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência”. (2005, p.38).

O desenvolvimento do projeto se deu com a elaboração de uma agenda de visitas aos grupos da terceira idade, organizados em diversas regiões da cidade. Foram visitados o Espaço Bem Viver “Luiz Palhares”, em Nova Contagem; o Espaço Bem Viver “Mario Covas”, no Centro; o Grupo “Estrela Dalva”, na região do Riacho; e o Grupo da Vila São Paulo. Também foram visitados o Centro de Referência da Assistência Social - CRAS - do Bairro Industrial, dos Bairros Eldorado, Petrolândia, Ressaca e Nacional.

As visitas eram iniciadas com a apresentação do projeto e seus objetivos. A conversa inicial com o grupo objetivava criar um clima de confiança entre os entrevistados e a equipe responsável pelo registro. Na sequência, era exibido o filme “Conhecendo Contagem com a Turma do Contagito” (2007), estimulando os participantes a se lembrarem da cidade e, principalmente, abordando a importância da conservação da memória da cidade. Em alguns locais também foram utilizados *slides* com imagens atuais e antigas de Contagem que remeteram os envolvidos a histórias vividas e lembradas naquele momento. Após a exibição, iniciava-se uma conversa sobre o conteúdo do filme e as lembranças provocadas com as imagens apresentadas. Nesse momento, quando os idosos já sentiam confiança na equipe, começava-se o registro dos depoimentos, sempre direcionados para que o depoente se lembrasse da sua história de vida em Contagem. Foi utilizada uma câmera de vídeo para realizar os registros.

Inicialmente, os registros foram coletivos, o que proporcionou uma riqueza muito grande para a atividade. As pessoas se lembravam a partir do depoimento do outro e descobriam, juntas, uma memória comum que não sabiam possuir. Descobrir a existência de uma memória comum, ou seja, coletiva, desfaz a ideia de que a memória é individual em função do seu caráter plural. Implica repensar o papel dos sujeitos na sociedade. Também contribuiu para um clima de informalidade que provocou a memória dos participantes que se envolveram de forma bastante intensa. Algumas entrevistas individuais foram realizadas.

Entretanto, essa é uma segunda parte do projeto que está em andamento e será apresentada em outra ocasião.

Uma entrevista realizada que ilustra a importância do projeto foi a da Senhora Maria Regina<sup>1</sup>. Funcionária do CRAS – Petrolândia, ela não participava da atividade com o grupo, mas se aproximou da equipe e disse que morava em Contagem há muito tempo e que estava encantada com o trabalho desenvolvido pela equipe. Convidada a participar dando o seu depoimento sobre a cidade, ela recusou, alegando vergonha. Após a atividade, voltamos a falar com ela que, muito gentilmente, aceitou colaborar.

Assim, Senhora Maria Regina protagonizou uma cena emocionante e que ilustra o que é criar espaço para se ouvir a voz do oprimido. Como funcionária do serviço geral daquele CRAS, no momento do nosso convite, ela vestia o seu uniforme de trabalho. Ao decidir participar, ela retira o uniforme, como nas transformações do Super homem e do Batman, e se torna invencível, sujeita da história, e presta um depoimento repleto de detalhes sobre as ruas, residências e o comércio da cidade. Fala dos tempos de criança, da escola, das festas e da família. Momento rico para a história de Contagem, que vai transcrito, em parte, nesta publicação.

A cada encontro com os velhos uma nova cidade ia se desenhando para nós. As lembranças iam surgindo em meio à saudade e as surpresas eram inevitáveis. Encontramos relatos de uma Contagem agropastoril em regiões, hoje, completamente urbanizadas. Como relatado pelos participantes do Grupo Estrela Dalva, a Rua Rio Comprido, no Bairro Riacho, foi aberta a partir do traçado feito pelo gado que frequentemente passava por aqueles caminhos. Os rios da região eram utilizados pelas senhoras para lavar roupa e pelos jovens para pescar e nadar. Fazendas vendiam leite e verduras para os moradores que evitavam sair de casa, talvez, em função das ruas de terra que sujavam os calçados.

Ponto frequente em todos os depoimentos é sobre o supermercado do Grilo. Situado em Belo Horizonte, próximo ao antigo prédio da Feira de Amostra Permanente, hoje Terminal Rodoviário, era frequentado pelos contagenses que, sem alternativas na cidade para as compras do mês, deslocavam-se com dificuldade nos poucos ônibus que faziam a

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada por Adebald de Andrade Júnior, Marco Aurélio Godoy e Wanderson Ka Ribas, em Contagem/MG, no dia 24/07/2009.

longa viagem BH/Contagem. Os antigos moradores se lembraram dos pesados sacos de arroz, feijão e café, produtos vendidos no quilo pelo Supermercado do Grilo.

O transporte também trouxe grandes recordações. Os moradores do Bairro Nacional se lembraram das ruas sem asfalto que obrigava as mulheres a amarrarem lenços nos cabelos para evitar a poeira. Outras trocavam a camisa ou se vestiam com duas para manterem a roupa limpa para o trabalho. Os apelidos eram motivo de constrangimento para os moradores do bairro, que eram chamados como “pés vermelhos” em razão da terra avermelhada que cobria as ruas e tingia os sapatos. Os residentes no Bairro Bernardo Monteiro e arredores utilizavam o subúrbio, trem de passageiros que ligava Contagem a BH e Betim. Outro relato marcante fala das viagens de jardineira a Belo Horizonte, veículo que transportava a bagagem dos passageiros em uma estrutura metálica sobre o teto e que deixava as malas expostas à chuva, ao sol e à poeira.

Foram emocionados os depoimentos sobre as dificuldades devido à falta de infraestrutura da cidade. Cidadãos antigos de Contagem se lembram da falta de água encanada e luz elétrica nas residências. “Não tinha, quando mudamos prá lá não tinha água encanada, não tinha luz era na base da lamparina e na minha casa tinha uma cisterna, meu pai colocou uma cisterna, né? Então a gente usava água da cisterna”, informou a Senhora Maria Regina. Grande parte das casas utilizava água retirada de cisternas. A falta de iluminação nas ruas não estimulava os moradores a saírem de casa, mesmo sendo uma cidade tranquila e sem crimes violentos. Necessidades médicas eram supridas, procurando o farmacêutico mais próximo ou se deslocando para Belo Horizonte. Alguns casos eram tratados com rezas e benzeção. A Senhora Maria Regina nos falou sobre esse aspecto da vida em Contagem.

Farmácia aqui em Contagem era difícil, eu lembro muito de um tal de Sr. Hercílio farmacêutico que tinha ali perto do fórum, ele já é falecido, ai muito coisa meu pai corria lá, ele não sei como? Ele ajudava, ele fazia, passava os remédios e dava certo. Era muito bom nesse tempo. Assim, ele era muito prestativo, parece que entendia um pouquinho e era lá a farmácia, que a gente frequentava mais qualquer coisa meu pai levava a gente.

Também foram lembrados os bailes da jabuticaba e a tradição de alugar o pé da fruta. Contagenses se deslocavam para o centro, região da cidade com grande número de jabuticabeiras, e cidadãos de Belo Horizonte partiam para o município vizinho, no fim de

semana, em busca da doce pretinha. Alugar o pé de jabuticaba era fonte de renda para muitas famílias de Contagem, que contavam com a árvore no seu quintal. Relembrou a Senhora Maria Regina.

Sim, eu me lembro, em primeiro lugar do baile que tinha, Baile da Jabuticaba, muito bom. Esse baile era no centro de Contagem, no clube, por sinal acabou, não sei porque, tudo acaba, né? Tinha o baile, tinha a rainha da jabuticaba, era escolhida uma moça muito bonita a gente frequentava, eu assim pouco porque meu pai era muito rígido, não gostava, não deixava as filhas, principalmente as filhas mulheres, sair de casa, a gente era muito, ele era muito rígido, a gente ficava mais presa, né? Mas eu não esqueço desses bailes, tinha o baile eles chamavam aqueles conjuntos para tocar, era uma coisa muito bonita, tinha rainha da jabuticaba, o pessoal fazia muito vinho, geléia, muito doce de jabuticaba, e o meu pai como bastante conhecido ali do Sr. Zé Isaias, o Dico, ai eles chamavam a gente para ir chupar jabuticaba lá, que até então no nosso quintal não tinha, hoje tem no meu quintal, mas antigamente não tinha, ai a gente ia nesse pessoal ai nos quintais deles chupar jabuticaba e meu pai trabalhando no centro, tinha muitos conhecidos que moravam em Belo Horizonte, vinha pra cá, meu pai ajudava eles, a comprar pés de jabuticaba, a alugar pé de jabuticaba, meu pai comprava e levava também, era uma época muito boa, era muito gostoso esse tempo, uma pena que tudo passou.

A diversidade cultural de Contagem revela regiões com traços bastante distintos. Uma questão recorrente nas entrevistas, principalmente de moradores de regiões mais distantes, é o fato de eles se referirem ao centro da cidade como “Contagem” com falas do tipo: “quando eu ia para Contagem”, “a gente ia à missa lá em Contagem”, ou seja, ir à Contagem para essas pessoas era, e ainda é, se dirigir ao centro da cidade, o que chamamos também de Sede do Município. Esse fato nos leva a analisar que essa identificação, provavelmente, se dê em função do centro ser o local onde teve início a ocupação do território, onde a cidade começou e onde se constituiu a sede administrativa. Outra questão que também diz respeito às relações de identificação e pertencimento, evidenciada nos depoimentos é o fato de que nas regiões mais distantes do centro, próximas de vizinhos como Belo Horizonte e Betim, a referência de cidade não é Contagem e sim o município que faz divisa, resultado do processo de ocupação e desenvolvimento dessas áreas que, entre outros fatores, surgiram como fruto do crescimento da cidade vizinha. É o caso do Bairro Ressaca, que faz limite com Belo Horizonte, e do Bairro Petrolândia, vizinho de Betim.

Os encontros com os antigos moradores de Contagem nos permitiram visualizar uma cidade que, muitas vezes, em função das transformações provocadas pela

industrialização e modernização do seu espaço, perde parte dos seus referenciais simbólicos. É o que nos fala o Senhor José Henrique Diniz (2001, p. 103,104 e 105).

Tempos difíceis talvez. No entanto, um tempo bom, agradável, tranquilo. Tempo em que havia festa de congado com os negros dançando ao redor da saudosa Igreja do Rosário. Tempo de festas do Padroeiro com leilão de bezerras depois da missa cantada, apregoado, por Zé tropeiro, acompanhado da algazarra da meninada. Tempo de barraquinhas no largo e brincadeiras de roda perto da casa de Oscar de Antônio Augusto. Tempo bom aquele em que o prefeito Luís da Cunha andava a pé, examinando os problemas da cidade, dirigindo ele próprio, muitas vezes, as obras da cidade. Como era bom havia espírito de trabalho. Não havia gabinete. Vereador naquele tempo ia para às reuniões da Câmara a pé ou montado no seu próprio cavalo. Tempo bom das procissões com ruas enfeitadas, do “footing” na pracinha depois a bênção do Santíssimo, onde simples trocas olhares marcaram o início de novas famílias. A praça era, realmente, um ponto de encontro da família contagense. Não havia televisão naquela época.

Depois, pouco a pouco, tudo isso foi acabando. Aquela Contagem de muitos carros na rua, de fumaça poluindo o ambiente, de praça vazia, de sinos que não tocam mais o “Ângelus”. As festas tradicionais já não mais existem. Já não andam mais a pé por nossas ruas, bebendo café com biscoito nas casas dos amigos. As nossas tradições, pouco a pouco, vão sendo tragadas pelas chaminés das nossas indústrias. Contagem mudou. É o progresso material que avança, absorvendo tudo. Tributo muito caro, penso eu. Tudo isso é o sinal dos novos tempos.

O desenrolar do projeto proporcionou o retorno à Contagem das décadas 1950, 1960 e 1970, através da lembrança dos nossos velhos. Ouvimos aqueles que fizeram e fazem a história da cidade. Esses homens e mulheres, ao visitarem o passado, com os olhos de hoje, sentiram-se outra vez sujeitos da história, os guardiões da memória e das tradições que vão se perdendo na fumaça do tempo que voa longe e escorre pelas mãos.

### **Referências Bibliográficas**

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVES, Rubem; DIMENSTEIN, Gilberto. *Fomos Maus Alunos*. 2º ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

DINIZ, José Henrique. *Pelas trilhas da vida*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

NORA, Pierre. *Da liberdade à tirania*, in: Seminário: “Memory and History in French Historical Research During the 1980’s and 1990’s, África do Sul, 12-19 de agosto de 2000.